

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Knight in Rusty Armor*

Autor: *Robert Fisher*

Copyright © 1990 by Robert Fisher

Edição publicada por acordo com Wilshire Book Company

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2004

Tradução: *Ana Paula Tanque*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, julho, 2004

18.<sup>a</sup> edição, Lisboa, outubro, 2016

Depósito legal n.º 305 021/10

Reservados todos os direitos  
para Portugal e países africanos lusófonos à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# ÍNDICE

1. O Dilema do Cavaleiro .....	11
2. No Bosque de Merlim .....	29
3. O Caminho da Verdade .....	49
4. O Castelo do Silêncio .....	67
5. O Castelo do Conhecimento .....	87
6. O Castelo da Determinação e da Coragem ...	113
7. O Cume da Verdade .....	125

Era uma vez, há muito tempo, numa terra longínqua, um cavaleiro que se considerava muito virtuoso, amável e dedicado. Fazia todas as coisas que os cavaleiros virtuosos, amáveis e dedicados fazem. Os seus adversários de combate eram criaturas malvadas, vis e desprezíveis. Matava dragões e resgatava lindas donzelas em perigo. Quando as aventuras de cavalaria andavam mais paradas, tinha o péssimo hábito de salvar donzelas mesmo que elas não quisessem ser salvas. Assim, apesar de muitas donzelas lhe estarem agradecidas, outras tantas estavam furiosas com ele. Ele aceitava isto com filosofia. Afinal, não se pode agradar a todos.

Este cavaleiro era famoso pela sua armadura. Refletia raios de luz tão intensos que, quando o cavaleiro partia para a batalha no seu cavalo, os aldeões juravam ter visto o raiar do Sol a norte ou o ocaso a oriente. E ele partia para as batalhas

frequentemente. À mínima menção de uma cruzada, o cavaleiro colocava ansiosamente a sua armadura reluzente, montava o seu cavalo e cavalgava numa direção qualquer. De facto, ficava tão ansioso que, por vezes, cavalgava em várias direções ao mesmo tempo, o que não era uma proeza fácil.

Durante anos, este cavaleiro esforçou-se por ser o melhor cavaleiro de todo o reino. Havia sempre uma outra batalha a ser ganha, um outro dragão a ser morto ou uma outra donzela a ser salva.

O cavaleiro tinha uma esposa leal e, de certa forma, tolerante, Juliet, que escrevia poesia muito bela, dizia coisas inteligentes e tinha um fraquinho por vinho. Tinha também um filho jovem, de cabelo dourado, Christopher, que ele esperava vir a transformar-se num cavaleiro corajoso quando crescesse.

Juliet e Christopher viam muito pouco o cavaleiro porque, quando ele não estava a travar batalhas, a matar dragões e a salvar donzelas, estava ocupado a experimentar a sua armadura e a admirar o seu brilho. À medida que o tempo foi

passando, o cavaleiro encantou-se tanto com a sua armadura que começou a usá-la ao jantar e, não raro, para dormir. Ao cabo de algum tempo, não se preocupava em tirá-la. Gradualmente, a família esqueceu-se de como ele era sem a armadura.

Às vezes, Christopher perguntava à mãe como era o aspeto físico do pai. Quando isto acontecia, Juliet levava o rapaz até à lareira e apontava para o retrato do cavaleiro, que estava pendurado na parede.

— Aqui está o teu pai — dizia num suspiro.

Uma tarde, ao contemplar o retrato, Christopher disse à mãe: — Como gostaria de ver o pai em pessoa!

— Não se pode ter tudo! — respondeu brusca-mente a mãe. Começava a impacientar-se com o facto de ter apenas um quadro para lhe recordar o rosto do seu marido e estava cansada de acordar durante a noite com o barulho da armadura de ferro.

Quando se encontrava em casa, sem estar completamente enlevado pela sua armadura, o cavaleiro

proferia geralmente longos monólogos das suas façanhas. Juliet e Christopher raramente tinham oportunidade de dizer uma palavra. Quando o conseguiam, o cavaleiro impedia-os de continuar a falar, cerrando a viseira da armadura ou retirando-se repentinamente para dormir.

Um dia, Juliet confrontou o marido: — Acho que amas mais a tua armadura do que me amas a mim.

— Isso não é verdade — respondeu o cavaleiro. — Não te amei o suficiente para te salvar daquele dragão e instalar-te neste requintado e muralhado castelo?

— O que tu amaste — disse Juliet espreitando através da viseira para lhe poder ver os olhos — foi a ideia de me salvar. Não me amavas verdadeiramente na altura, e não me amas verdadeiramente agora.

— Amo-te sim — insistia o cavaleiro, abraçando-a desajeitadamente na sua armadura fria, rígida e quase lhe partindo as costelas.

— Então tira essa armadura para que eu possa ver quem tu és realmente! — exigiu ela.